

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC
LIVROS

Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“Enquanto a grande mídia não abrir espaço para os movimentos sociais e não promover a interlocução com a sociedade, a luta sempre será mais árdua, mais penosa e duradoura”.

CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO

Luta árdua, penosa e duradoura

Priscila Santana Caldeira¹

Caroline Kraus Luvizotto é uma pesquisadora que vem se destacando nos estudos sobre cidadania, movimentos sociais, ativismo, participação política e social e os meios de comunicação. Socióloga, doutora em Ciências Sociais pela Unesp (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), atua como docente na mesma instituição, integrando o corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Autora de artigos, livros e capítulos de livro que abordam a temática, é líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais – ComMov, tendo orientado pesquisas científicas sobre esses temas nos últimos anos. Num Brasil repleto de conflitos políticos, sociais, ideológicos e culturais, onde movimentos sociais e ativistas são marginalizados e criminalizados, é fundamental ouvir pesquisadores que se dedicam a compreendê-los e ressignificá-los. A entrevistada pode contribuir para uma reflexão interdisciplinar e atual sobre os movimentos sociais na contemporaneidade.

¹ Jornalista, mestre em Comunicação pela UNESP. Na dissertação pesquisa o enquadramento do movimento grevista dos professores do Paraná nos jornais Brasil de Fato e na Folha de S. Paulo. É membro do grupo de pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais da UNESP. E-mail: priscilasantanacaldeira@gmail.com

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Os movimentos sociais se configuram como fontes de inovação, geradoras de saberes, e possuem caráter democrático e cidadão, justificando a realização de análises que privilegiem o foco sobre as redes de articulações e de comunicação estabelecidas pelos sujeitos em sua prática cotidiana. Eles promovem a democratização das relações sociais e são capazes de redefinir papéis sociais, discursos e identidades. O Brasil é marcado por uma história recente de ditadura militar. Estamos aprendendo a viver em democracia e esse não é um processo rápido, tampouco simples. É verdade, porém, que hoje o povo brasileiro tem maior possibilidade de participação, mas a herança da ditadura ainda se faz presente, contrastando com a busca pela democracia efetiva. Neste sentido, pode-se dizer que o ativismo e os movimentos sociais são mecanismos de fortalecimento do convívio em sociedade. Observa-se uma mudança na configuração do ativismo e dos movimentos sociais na atualidade, em grande parte, atribuído ao papel dos meios de comunicação, especialmente, da internet. Estudiosos do tema por todo mundo apontam que estamos vivenciando uma nova fase dos movimentos sociais, caracterizados pelo agrupamento de milhares de pessoas em torno de objetivos difusos e coletivos. Exemplo disso, podemos citar as manifestações populares ocorridas desde 2010 em países como Tunísia, Islândia, Egito, a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha, o *Occupy Wall Street* nos EUA e no Brasil, em junho de 2013.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

Podemos observar que o espaço destinado para os movimentos sociais nos veículos de comunicação ligados à grandes empresas midiáticas ainda é pequeno e as coberturas frequentemente criminalizam os movimentos sociais e seus integrantes. Essa é uma prática histórica. É possível verificar que, de forma recorrente, um movimento social vira notícia quando suas ações possuem ressonância nacional e, por vezes, a imprensa apresenta uma perspectiva unilateral, ligada aos interesses políticos, econômicos e ideológicos dos grupos que detém a concentração do poder e dos veículos de comunicação.

O componente ideológico está presente na maneira como os fatos são apresentados, não contemplando a multiplicidade de sujeitos envolvidos no processo, numa tentativa de interferir na opinião pública, privilegiando determinados grupos sociais em detrimento dos cidadãos que reivindicam mudanças. Essa prática é prejudicial aos movimentos sociais e, como exemplo,

podemos citar o Grupo Globo e o Grupo Folha. O monopólio ou o oligopólio dos meios de comunicação presta um desserviço para a democracia.

Na contramão, algumas iniciativas aparecem ligadas a veículos de comunicação independentes das grandes corporações midiáticas. Nesses veículos, é possível perceber uma presença maior dos movimentos sociais em interlocução com a sociedade. Mas o alcance desses veículos de comunicação é pequeno e, por vezes, regional. Aqueles que possuem alcance maior também não conseguem superar o da grande mídia. Como exemplo, podemos citar a TVT, uma emissora de TV que se intitula educativa, ligada à Fundação Sociedade Comunicação Cultura e Trabalho, mantida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e pelo Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região. Sua programação concentra conteúdos ligados aos direitos humanos, cidadania e movimentos sociais.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

A mídia tem um papel importante na construção da opinião pública e é capaz de atribuir visibilidade aos fatos e descrevê-los a seu critério, sendo ela a maior – e muitas vezes a única – fonte de informação da população. Por essa razão, influencia na formação simbólica, ideológica e política dos indivíduos, sendo representativa na mobilização ou desmobilização dos movimentos sociais. Nesse sentido, sim, ela contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos movimentos sociais e dos ativistas. Isso pode ser observado a partir do exemplo das matérias veiculadas sobre o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que constroem um estereótipo de vandalismo e destruição no ato das suas ocupações. Esse mesmo estereótipo foi atribuído aos manifestantes que participaram das manifestações de junho de 2013, no Brasil.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

A mídia e os mais diversos veículos de comunicação contribuem para a construção e sustentação de uma consciência e de uma identidade, seja individual ou coletiva. É um elemento estruturante de subjetividades e possui influência na constituição de uma esfera pública política, atuando na produção de sentidos e na configuração de narrativas que transmitem o capital simbólico. Neste sentido, sim, é possível identificar vinculações políticas e ideológicas nos meios de comunicação. Os veículos de comunicação de massa, representados pelos conglomerados de mídia criam e disseminam conteúdos e representações muitas vezes pautadas em interesses de indivíduos ou grupos privados, interesses industriais e financeiros e de classes sociais, influenciando drasticamente os processos políticos e sociais em nosso país. A consequência dessas vinculações para as reivindicações dos movimentos sociais é bastante danosa.

Observa-se que os principais veículos de comunicação brasileiros não são plurais, não dialogam com a diversidade social e cultural brasileira e, portanto, marginalizam e criminalizam os movimentos sociais e não integram os discursos e narrativas da multiplicidade de sujeitos e atores sociais que compõem a sociedade brasileira. Ao não dar voz aos movimentos sociais, não permite ao cidadão formular opinião ou identificar-se com as demandas do movimento. Não permite que ocorra a relação de pertencimento de classe, de etnia, de gênero, entre muitas outras relações que são ceifadas pela grande mídia. Resta aos movimentos sociais e aos ativistas recorrer a outros veículos de comunicação, aqueles não ligados aos governos ou às grandes empresas de mídia. Destacam-se aqui as TVs e Rádios comunitárias, universitárias e a própria internet, que, apesar de ainda não estar ao alcance de todos e de ter vínculos com grandes corporações midiáticas, possibilita, a uma pluralidade de sujeitos manifestar-se e, aos movimentos sociais, apresentar e disseminar as suas demandas.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Não é raro identificar as diferenças entre as coberturas da imprensa brasileira e da imprensa internacional quando se refere aos movimentos sociais e à mobilização popular no Brasil, mas essas coberturas estão ligadas a acontecimentos de ressonância nacional. A democracia, a cidadania e a participação política e social são processos históricos e, neste sentido, possuem significados simbólico e político diferentes de país para país, de povo para povo. Fatos recentes ocorridos no Brasil mereceram atenção internacional e algumas agendas de movimentos sociais foram abordadas por veículos internacionais, exemplo disso foram as manifestações de 2013 e 2015. Mas uma observação mais atenta sugere que, de modo geral, as agendas dos movimentos sociais não são tratadas pela grande mídia nacional ou internacional.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

Os movimentos sociais são ações coletivas caracterizados pelo ajuntamento de pessoas que se identificam em torno de uma causa ou demanda específica. Possuem uma estrutura, uma sociabilidade e mecanismos de ação próprios de acordo com cada época e circunstância. É por meio das ações empreendidas pelos movimentos e pelos ativistas que suas demandas, ideologias, críticas ou denúncias são apresentadas para a sociedade. A opinião pública é um elemento importante para os movimentos sociais, pois eles precisam que a sociedade compreenda sua gênese, sua razão de ser.

A sociedade precisa discutir, debater, manifestar-se sobre as demandas do movimento social para que ele tenha legitimidade e seja reconhecido como uma mobilização cidadã. Neste sentido, a imprensa é um elemento importante na relação entre a sociedade e os movimentos sociais, pois ela confere visibilidade aos mesmos, difundindo suas informações e promovendo o fortalecimento dos vínculos identitários e de pertencimento entre os cidadãos e as causas do movimento social, possibilitando a participação e o engajamento. Diante disso, é fundamental que a imprensa reconheça a diversidade, a pluralidade de sujeitos sociais da nossa sociedade. É preciso dar voz aos movimentos sociais para que eles atuem como protagonistas das suas histórias e para que não sejam mais retratados em narrativas que não considerem a subjetividade dos sujeitos e os sentidos simbólico e político que a luta tem para cada um deles.

Um primeiro passo é não criminalizar os movimentos sociais e reconhecê-los como um processo histórico e necessário para a sociedade contemporânea, uma vez que impulsionam transformações sociais. Movimentos sociais produzem conhecimento. Esse conhecimento deve estar acessível a todos os cidadãos e a imprensa pode ajudar nesse processo. Dialogar e estabelecer uma rede de colaboração com TVs e rádios comunitárias, universitárias e com material produzido pelos ativistas e divulgado na internet, em blogs, websites e redes sociais também pode colaborar para aproximar a sociedade dos movimentos sociais, estabelecendo interlocuções e aprendizagens.

Você mencionou a internet algumas vezes. Qual seria o seu papel para a visibilidade dos movimentos sociais contemporâneos? E quais críticas podem ser feitas sobre a sua utilização?

Com a internet e as mídias digitais, as formas de comunicação e o consumo de informação se modificaram, deixando de ser unilaterais e passaram a ser mais participativas. Mesmo que de maneira limitada, considerando os problemas de acesso à rede, acessibilidade, usabilidade e conhecimento do usuário, a internet possibilita participação e interação entre os cidadãos, permite que todo indivíduo possa produzir conteúdo, sendo uma forma de comunicação rápida, prática e sem barreiras geográficas. As mídias digitais possibilitam a participação online, uma vez que a estrutura de conectividade da internet permite derrubar a barreira do tempo e do espaço, possibilitando a qualquer cidadão se manifestar sobre os mais diversos assuntos e contextos sociais. É possível, por exemplo, fazer parte de grupos virtuais que possuam uma motivação, uma identidade coletiva e ali se auto representar, discutir, propor, aprender e organizar ações.

A internet tem possibilitado a formação de redes dentro dos movimentos, redes entre movimentos e redes entre movimentos e sociedade civil. Também é possível participar de modo off-line, uma vez que, fazendo parte de um grupo social com vínculo identitário, o cidadão pode participar de manifestações, atos, reuniões, assembleias e pode utilizar os recursos da internet para postar vídeos, fotos e todo tipo de conteúdo informacional em tempo real e tornar público aquele momento que somente os participantes presentes teriam condições de conhecer, mas

com o uso da internet passa a ser de domínio público, instrumentalizando a participação e o engajamento de outros cidadãos.

Este cenário pode parecer bastante motivador e propício para a atuação dos movimentos sociais. Entretanto, precisamos analisar criticamente o universo digital, uma vez que ele reproduz todas as tensões, conflitos e disputas de poder do universo off-line. Reproduzem-se no meio digital todo preconceito, intolerância, racismo, homofobia, xenofobia e discursos de ódio do universo off-line. É preciso considerar, também, dois outros fatores: a concentração midiática e o controle exercido por empresas privadas no universo online. Isso sugere que a internet não é um meio tão democrático quanto parece. Devemos estar atentos a sua utilização.

Considerações finais

É lamentável que os movimentos sociais e as reivindicações populares sejam, por muitas vezes, criminalizados em nosso país. O apoio da sociedade, da opinião pública para as agendas e demandas dos movimentos sociais é fundamental para sua legitimidade e para sua representatividade. Identificar-se e reconhecer-se em um movimento social produz um sentimento de pertencimento que dá força para o cidadão indignado lutar pelos seus direitos, pela sua emancipação, pela superação da sua condição de oprimido ou marginalizado. A imprensa e a mídia, de modo geral, são essenciais nesse processo. Enquanto a grande mídia não abrir espaço para os movimentos sociais e não promover a interlocução com a sociedade, a luta sempre será mais árdua, mais penosa e duradoura. E neste sentido, restam as iniciativas independentes, comunitárias, universitárias, o bom uso das ferramentas online, como das redes sociais na internet, por exemplo, que podem estabelecer o diálogo entre movimentos sociais e sociedade. Aprender a viver em democracia e exercer a cidadania é um processo longo e talvez não tenha fim.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

